

“LA VERSEMBLANÇA PER SOBRE DE TOT.”
UNA CONVERSA AMB XAVIER PÀMIES¹ /
“A VEROSSIMILHANÇA ACIMA DE TUDO.”
UMA CONVERSA COM XAVIER PÀMIES



XAVIER PÀMIES / RAMON FARRÉS

Xavier Pàmies (1959) é, na minha opinião, um dos melhores tradutores literários para o catalão da história. Esse tipo de coisas sempre se diz sobre pessoas que alcançaram um reconhecimento proeminente na cultura, que viraram vacas sagradas quer pela sua atividade intelectual (poetas, romancistas, críticos, filósofos), quer pela sua relevância pública. Casos como Carles Riba, Josep Carner ou Josep Maria de Sagarra, grandes poetas e grandes promotores culturais, que *além de tudo* também traduziam. Pàmies não é desse grupo: interpretem isso como o maior elogio. Porque Xavier Pàmies ganhou só na tradução o alto prestígio que tem, e isso é já mérito muito difícil de alcançar, mesmo em um meio cultural como o catalão, onde — ao contrário de outros âmbitos muito mais etnocêntricos, particularmente o anglo-saxônico — as traduções são em geral mais apreciadas do que a literatura própria.

Talvez o mais espantoso da trajetória brilhante de Xavier Pàmies seja a sua estreia. Iniciou-se como tradutor literário com o *Grande Sertão: Veredas*. Uma tarefa que já foi considerada quase impossível para qualquer tradutor, mesmo para os mais experimentados. Quanto mais para um novel! Mas Pàmies mostrou já então as qualidades que viriam a torná-lo um referente da profissão: talento, sensibilidade linguística e capacidade de trabalho. O *Sertão* de Pàmies e o de Guimarães Rosa têm muito em comum, mas acima de tudo são duas obras primas. Ao falarmos em tradução literária, acho que, muito além das discussões sobre abordagens, ideologias e técnicas de tradução, essa é a primeira condição que qualquer tradução deve cumprir, a única “fidelidade” irrenunciável. Depois, há várias formas de traduzir bem, e Pàmies escolheu a sua, como se pode ler na entrevista a seguir. Uma escolha evidentemente discutível, mas não totalmente pessoal, porque enquadrada num contexto cultural muito preciso, o catalão. Quer dizer, Pàmies afirma optar por uma

¹ Entrevista publicada em *Quaderns. Revista de traducció* 7, 2002, 185-192. Os editores de *Scientia Traductionis* agradecem ao autor da entrevista, Ramon Farrés, e à diretora da revista *Quaderns*, Montserrat Bacardí, pela autorização para a republicação em português.

abordagem com tendência domesticadora, persegue antes de mais nada a verossimilhança linguística na língua de chegada. Talvez alguém possa pensar que é mais um caso de invisibilidade, mais uma tentativa de apagar a diferença, de tirar do texto a especiaria, como fazem os restaurantes indianos em Barcelona para atrair clientes locais. Não é nada disso. É que nós temos uma língua minorizada, que sofreu graves agressões e que é preciso manter e renovar contra a enorme pressão da presença ofegante do espanhol. Neste contexto, todo tradutor é também um agente de planificação do corpus linguístico, que é um papel habitual dos tradutores em toda parte, mas que em catalão ganha um peso, sem dúvida, maior. A preocupação de Pàmies é com o texto de partida, como mostra a sua preocupação pelo registro, pelo tom, pela especiaria, mas sobretudo com o contexto sociolinguístico de chegada, que é delicado e pede delicadeza.

Delicadeza, mas não purismo nem medo da língua. Pàmies escuta como falamos, os que falamos catalão, de qualquer origem, formação e renda, sem deixar nada de fora. O mesmo que fazia Guimarães Rosa. Não por acaso o nosso maior gramático contemporâneo, Joan Solà — que infelizmente nos deixou há pouco tempo — em 2009 dedicou à tradução de Pàmies de *Bleak House*, de Dickens, uma série de artigos no jornal onde habitualmente escrevia. Falando de quê? Das inúmeras propostas audaciosas do tradutor, sempre genuínas, sempre próximas do catalão de verdade, fugindo de uma língua de laboratório, de uma língua fossilizada, que é a maior ameaça para qualquer língua ameaçada. Não é Pàmies um tradutor sem sabor, que tire dos textos o melhor que têm só para fazê-los facilmente digeríveis, caso seja um tradutor antropófago: afinal as línguas pequenas e médias precisam ser alimentadas, e ao Xavier devemos, os catalanofalantes, uma contribuição prazerosa.

Xavier Pàmies já recebeu inúmeros reconhecimentos e prêmios. O seu catálogo de traduções é impressionante: de Machado de Assis a Philip Roth, de Dickens a Saramago. Para mais informação sobre Pàmies: <http://www.visat.cat/espai-traductors/cat/traductor/140/0/0/xavier-pamies.html>

*Pere Comellas*²
perecomellas@ub.edu
Universitat de Barcelona

² Traduziu várias obras literárias para o catalão e para o espanhol, especialmente de literaturas africanas em língua portuguesa, autores como Germano Almeida, José Eduardo Agualusa e Paulina Chiziane. No ano de 2005 ganhou o V Prêmio Giovanni Pontiero pela tradução para o catalão de *Chiquinho*, do autor cabo-verdiano Baltasar Lopes. Publicou artigos relacionados à tradução (o mais recente, “Algumas reflexões sobre a tradução à letra segundo Berman”, está publicado nesta edição de nº 9 da *Scientia Traductionis*.) e à diversidade linguística. É autor do livro *Contra l'imperialisme lingüístic* (2006). (N. do Ed.)

El 22 de març de 2001 es va fer entrega a la Facultat de Traducció i d'Interpretació de la Universitat Autònoma de Barcelona del primer Premi de Traducció Giovanni Pontiero, en un acte al qual va assistir el Premi Nobel de Literatura José Saramago. En aquesta primera edició es tractava de guardonar la millor traducció del portuguès al català publicada durant els anys 1997-2000,³ i el veredict del jurat va recaure en la versió d'*O Manual dos Inquisidores*, d'António Lobo Antunes, que amb el títol *El manual dels inquisidors* havia signat Xavier Pàmies. D'aquesta manera aquest traductor barceloní encara jove (va néixer el 1959) però amb una trajectòria molt notable tant per la quantitat com per la qualitat de les obres traduïdes, veia reconegut públicament per primera vegada el seu treball.

Pàmies havia presentat al premi tres traduccions més, entre les quals precisament la penúltima novel·la de Saramago, *L'evangeli segons Jesucrist*, a més d'*El cosí Basílio*, d'Eça de Queirós, i *El senyor Casmurro*, de Machado de Assis: un autèntic pòquer d'asos de la literatura en llengua portuguesa dels darrers dos tombants de segle. La primera pregunta, doncs, semblava obligada: consideres que la traducció guanyadora era realment la millor de

Em 22 de março de 2001 aconteceu na Faculdade de Tradução e de Interpretação da Universidade Autônoma de Barcelona a entrega do primeiro Prêmio de Tradução Giovanni Pontiero, em um ato ao qual assistiu o Prêmio Nobel de Literatura José Saramago. Nessa primeira edição tratava-se de laurear a melhor tradução do português para o catalão publicada durante os anos de 1997 a 2000,⁴ e o veredito do júri recaiu sobre a versão de *O Manual dos Inquisidores*, de António Lobo Antunes, que, com o título *El manual dels inquisidors*, havia assinado Xavier Pàmies. Dessa maneira esse tradutor barcelonense ainda jovem (nascido em 1959) e com uma trajetória notável tanto pela quantidade como pela qualidade das obras traduzidas, via reconhecido publicamente pela primeira vez o seu trabalho.

Pàmies havia apresentado ao júri mais três traduções, entre as quais precisamente o penúltima romance de Saramago, *L'evangeli segons Jesucrist*, e ainda *El cosí Basílio*, de Eça de Queirós, e *El senyor Casmurro*, de Machado de Assis: um autêntico pòquer de ases da literatura em língua portuguesa dos últimos dois finais de século. A primeira pergunta, então, parecia obrigatória: você considera que a tradução ganhadora era realmente a

³ L'any que ve es premiarà la millor traducció del portuguès al castellà publicada durant els últims anys, i així successivament, alternant el català i el castellà com a llengües d'arribada.

⁴ No próximo ano será premiada a melhor tradução do português para o castelhano publicada nos últimos anos, e assim sucessivamente, alternando o catalão e o castelhano como línguas de chegada.

totes quatre?

La novel·la de Lobo Antunes sembla des de fora la més difícil, perquè està escrita amb un ritme especial que cal trobar la manera de reproduir en la traducció, i pot ser que això influís en la decisió del jurat. Però en canvi les altres tres traduccions tenen altres dificultats que no tenia aquesta, per exemple la cerca d'un to i un llenguatge adequats en les versions de Machado de Assís i Eça de Queirós, que són dos autors ja molt allunyats en el temps. En *L'evangeli segons Jesucrist*, d'altra banda, calia trobar el to bíblic de l'original, i això em va donar molta feina, perquè vaig haver de mirar molt la Bíblia interconfessional, tant per localitzar-hi versicles que Saramago repeteix com per aconseguir que el to fos realment bíblic i sobretot evangèlic. És cert que el resultat final de la traducció d'*El manual dels inquisidors* és bastant rodó, i n'estic satisfet, però també n'estic de *L'evangeli segons Jesucrist*. La novel·la de Machado de Assís ja em queda una mica lluny i em sembla que si la tornés a mirar a fons, com que ha passat el temps i en vas aprenent, hi trobaria coses a esmenar.

Una característica particular de la teva tasca de traductor és que no treballes únicament per encàrrec, sinó que sovint la proposta de traduir determinats autors o determinades obres parteix de tu mateix. És aquest el cas d'alguna de les traduccions que vas presentar al Premi Giovanni Pontiero?

melhor das quatro?

O romance de Lobo Antunes à primeira vista parece o mais difícil, pois está escrito com um ritmo especial sendo necessário achar a maneira de reproduzir esse ritmo na tradução, e talvez isso tenha influenciado na decisão do júri. Entretanto as outras três traduções têm outras dificuldades que essa não tinha, por exemplo a busca de um tom e uma linguagem adequados nas versões de Machado de Assis e Eça de Queirós, dois autores já muito afastados no tempo. Em *L'evangeli segons Jesucrist*, por outro lado, era necessário encontrar o tom bíblico do original, e isso me deu muito trabalho, pois tive de pesquisar muito na Bíblia, tanto para localizar versículos que Saramago repete como para conseguir que o tom fosse realmente bíblico e sobretudo evangélico. Com certeza o resultado final da tradução de *El manual dels inquisidors* é bastante digno, e estou satisfeito, da mesma forma que estou com *L'evangeli segons Jesucrist*. O romance de Machado de Assis já fica um pouco longe e acho que se o revisitasse a fundo, com o tempo transcorrido e o aprendizado, encontraria coisas a melhorar.

Uma característica particular da sua tarefa de tradutor é que não trabalha apenas por encomenda, pois frequentemente a proposta de traduzir determinados autores ou determinadas obras parte de você. Esse é o caso de alguma das traduções que apresentou ao Prêmio Giovanni Pontiero?

Sí, en part és el cas d'*El cosí Basílio*. Vaig veure que d'Eça de Queirós pràcticament no hi havia res traduït al català i vaig demanar una ajuda a la Institució de les Lletres Catalanes, que em va ser concedida, per traduir aquesta novel·la. Després vaig proposar-ne la publicació a l'editorial Quaderns Crema, per a la qual ja havia treballat anteriorment, i ho van acceptar. Ja abans havia suggerit una altra novel·la del mateix autor, *El crim de mossèn Amaro*, per a una col·lecció que editaven conjuntament l'editorial Destino i la Facultat de Traducció de la Pompeu Fabra, però en entrar Destino a Planeta la col·lecció va desaparèixer i ara la meua traducció ha estat repescada també per Quaderns Crema.

La teua carrera com a traductor s'inicia l'any 1990 amb una obra d'una gran complexitat: *Gran Sertão: riberes*, de João Guimarães Rosa.

Aquest va ser un encàrrec que em va venir de rebot. Em sembla que l'havia de traduir Manuel de Seabra, i com que no podia em van trucar. Va ser entrar molt de cop, amb un text molt difícil, en una llengua que jo coneixia, perquè havia estat sis mesos al Brasil, però de la qual encara no havia traduït res. Segurament ara la faria de manera molt diferent, però ja està feta.

Tot i això, aquesta traducció va tenir molt bones crítiques i fins i tot va ser objecte d'un estudi per part d'un investigador brasiler anomenat Milton Azevedo, especi-

Sim, em parte é o caso de *El cosí Basílio*. Percebi que de Eça de Queirós não havia praticamente nada traduzido para o catalão e pedi uma ajuda à Institució de les Lletres Catalanes, que foi concedida, para traduzir esse romance. Depois propus a publicação à editora Quaderns Crema, na qual já havia trabalhado anteriormente, e aceitaram. Antes já havia sugerido outro romance do mesmo autor, *El crim de mossèn Amaro*, para uma coleção editada conjuntamente pela editora Destino e a Faculdade de Tradução da Universidade Pompeu Fabra, mas quando Destino passou a fazer parte da editora Planeta a coleção desapareceu e agora essa minha tradução foi recuperada também por Quaderns Crema.

A sua carreira como tradutor começa no ano de 1990 com uma obra de grande complexidade: *Gran Sertão: riberes*, de João Guimarães Rosa.

Essa foi uma encomenda que me chegou de reboque. Acho que quem tinha que traduzi-la era o Manuel de Seabra, e como ele não podia me contatou. Foi entrar de supetão, com um texto muito difícil, numa língua que eu conhecia, porque havia estado seis meses no Brasil, mas da qual ainda não havia traduzido nada. Provavelmente agora faria a tradução de maneira muito diferente, mas já está feita.

Contudo, essa tradução recebeu críticas muito boas e até foi objeto de estudo por parte de um pesquisador brasileiro chamado Milton Azevedo, especialista na

alitzat en l'obra de Guimarães Rosa. Explica'ns una mica quins problemes vas haver de resoldre per traduir *Gran Sertão: riberes*.

L'obra de Guimarães Rosa és complicada de traduir perquè experimenta molt amb el llenguatge i barreja molts registres. L'ambient de la majoria de les seves novel·les i els seus contes és el món rural de l'interior del Brasil, el Sertão. Ell havia estat metge rural i havia recorregut molt aquella regió, i sembla que anava sempre amb la llibreteta a la mà apuntant trets idiomàtics propis de la zona. Llavors això ho reelaborava i construïa molts dels seus diàlegs a partir d'aquesta realitat, però depurant-la, perquè en definitiva introduïa una nova sintaxi, noves expressions... També hi incorporava neologismes i dialectismes, i de segur que se me'n van escapar molts, encara que ho vaig intentar fer al màxim de bé possible i vaig anar sovint al Centro de Estudos Brasileiros de Barcelona per llegir assajos i estudis sobre la prosa de Guimarães Rosa. Quan trobava paraules inventades d'ell, algunes sí que me les inventava també, per exemple recordo que en una escena d'un tiroteig entre dues bandes rivals de bandolers vaig posar que les bales "colibrejaven", de "colibrí". Però fer-ho molt era potser anar massa enllà i crear una llengua una mica postissa. Llavors vaig tendir a neutralitzar, que és un recurs que acostumo a fer servir, perquè el text no grinyoli massa. És a dir, per mantenir un mínim de versemblança. La versemblança per sobre de tot. La traducció al castellà d'Ángel Crespo, per exemple, penso que s'excedeix, perquè crea una sin-

obra de Guimarães Rosa. Explique um pouco quais problemas teve de resolver para traduzir *Gran Sertão: Riberes*.

A obra de Guimarães Rosa é complicada de traduzir porque experimenta muito com a linguagem e mistura muitos registros. O ambiente da maior parte dos seus romances e dos seus contos é o mundo rural do interior do Brasil, o Sertão. Ele foi médico rural e percorreu toda aquela região, e parece que ia sempre com um caderninho na mão anotando traços idiomáticos próprios do lugar. Então reelaborava tudo isso e construía muitos dos seus diálogos a partir dessa realidade, mas refinando-a porque definitivamente introduzia uma nova sintaxe, novas expressões... Também incorporava neologismos e dialetismos, e com certeza muitos me escaparam embora tenha tentado fazer o melhor possível e tenha ido com frequência ao Centro de Estudos Brasileiros de Barcelona para ler ensaios e estudos sobre a prosa de Guimarães Rosa. Quando achava palavras inventadas por ele, algumas as inventava eu também; por exemplo, lembro que numa cena de um tiroteio entre dois bandos rivais de jagunços escrevi que as balas "colibrejaven", de "colibrí". Porém fazê-lo muito talvez fosse ir longe demais e criar uma língua um pouco artificial. Assim mantive a tendência de neutralizar, recurso que costumo usar, para que o texto não fique demasiado esquisito. Ou seja, para manter um mínimo de verossimilhança. A verossimilhança acima de tudo. A tradução para o espanhol de Ángel Crespo, por

taxi molt forçada, fins i tot més del que ho és l'original, pel fet de voler mantenir la mateixa estructura. I moltes vegades no és que Guimarães Rosa creés sintaxi nova, sinó que se servia de llicències orals existents en la parla popular del Brasil, i si jo me n'adonava, el que feia era buscar la col·loquialitat i l'oralitat, però dintre d'una fidelitat als recursos lingüístics del català.

Del que dius em sembla deduir que t'estimes més pecar per defecte que no pas per excés.

És una cosa que ja fa temps que poso en pràctica intuïtivament, però que en aquests darrers temps raono més conscientment: quan dubto entre literalitat o versemblança, la literalitat queda totalment arraconada.

El teu contacte amb el portuguès i la literatura portuguesa va venir d'una estada que vas fer al Brasil, tal com has apuntat, i de fet tu ets un gran viatger⁵ que has estat a molts llocs i sovint en els teus viatges has descobert autors i obres que després has traduït. És el cas de l'escriptor indi de llengua anglesa R. K. Narayan, mort recentment, del qual vas traduir *El llicenciat en lletres*, i també de la famosa novel·la de Karen Blixen *Memòries de l'Àfrica*.

exemplo, acho que se excede, pois cria uma sintaxe muito forçada, até mais que o original, por querer manter a mesma estrutura. E muitas vezes não é Guimarães Rosa que criasse uma sintaxe nova, mas que se servia de licenças orais existentes na fala popular do Brasil, e se eu não percebia isso, o que eu fazia era buscar a coloquialidade e a oralidade, mas dentro de uma fidelidade aos recursos linguísticos do catalão.

Pelo que você diz posso deduzir que prefere pecar por defeito e não por excesso.

É uma coisa que há tempos ponho em prática intuïtivamente, mas nesses últimos tempos racionalizo mais conscientemente: quando duvido entre literalidade ou verossimilhança, deixo a literalidade totalmente de lado.

O seu contato com o português e a literatura portuguesa veio de uma estadia que fez no Brasil, como você apontou, e de fato você é um grande viajante⁶ e já esteve em muitos lugares e com frequência nas suas viagens descobriu autores e obras que depois traduziu. É o caso do escritor indiano de língua inglesa R. K. Narayan, morto recentemente, do qual você traduziu *El llicenciat en lletres*, e também o famoso romance de Karen Blixen

⁵ Xavier Pàmies és autor, en col·laboració amb la seva dona, Empar Barcons, d'un llibre que resum les seves experiències com a viatgers, i que es titula *Tres anys pels països del sud. Viatge a un món encara divers* (Lleida: Pagès Editors, 1995).

⁶ Xavier Pàmies é autor, em colaboração com sua esposa, Empar Barcons, de um livro que resume as suas experiências como viajantes, intitulado, *Tres anys pels països del sud. Viatge a un món encara divers* (Lleida: Pagès Editors, 1995).

Sí, i encara n'hi ha una altra: *El nen negre*, de Camara Laye, que era un autor de Guinea Conakry que escrivia en francès. De fet, això és un fenomen relativament freqüent. La meva referència en aquest sentit és Richard Burton, l'orientalista, que també va traduir molt. Viatjant et familiaritzes amb altres llengües, entres en contacte amb la cultura que hi ha darrere d'aquestes llengües i, entre altres coses, t'interesses per una sèrie de llibres. En el meu cas, n'hi va haver alguns, aquests que hem dit, que em van agradar molt i em vaig moure una mica perquè es publicassin. També cal dir que hi ha una part de sort, perquè moltes editorials ja tenen la seva línia fixada i és difícil que hi entris, si no és que tens familiaritat amb l'editor o alguna cosa així. Jo coneixia en Ramon Badia, que treballa a Pagès Editors, de Lleida, i gràcies a ell van sortir publicades aquestes tres obres que jo els vaig proposar.

I m'imagino que traduir obres que tu has descobert i que t'han interessat de manera especial és una experiència molt diferent de traduir per encàrrec.

Més que res els tens molta estima. Són obres que, sense cap influència de fora, t'han arribat a les mans, t'han agradat molt i et faria molta il·lusió traduir-les. Realment cal que t'hagin entusiasmat, t'han d'haver tocat una mica el cor perquè diguis: voldria traduir-la. I si ho pots fer i surten publicades són com fills predilectes. Amb les tres obres que

Memòries de l'Àfrica.

Certo, e ainda há mais um: *El nen negre*, de Camara Laye, um autor da Guiné-Conacri que escrevia em francês. Isso é um fato relativamente frequente. Minha referência nesse sentido é Richard Burton, o orientalista, que também traduziu muito. Viajando nos familiarizamos com outras línguas, entramos em contato com a cultura que há nessas línguas e, entre outras coisas, nos interessamos por uma série de livros. No meu caso, houve alguns, esses que citamos, de que gostei muito e dei um jeito para que fossem publicados. Também posso dizer que há um pouco de sorte, pois muitas editoras já têm definida a linha delas e é difícil interferir nelas a menos que você tenha familiaridade com o editor ou alguma coisa assim. Eu conhecia o Ramon Badia, que trabalha em Pagès Editors, de Lleida, e graças a ele saíram publicadas essas três obras que havia proposto para eles.

E imagino que traduzir obras que você descobriu e que o tenham interessado de maneira especial é uma experiência bem diferente de traduzir por encomenda.

Mais que nada, tem-se muito carinho por elas. São obras que, sem nenhuma influência externa, nos chegam às mãos, nos agradam e dá muita vontade de traduzi-las. Realmente é necessário que as obras nos tenham entusiasmado, tenham tocado um pouco o coração para que se diga: queria traduzi-la. E se conseguimos fazer e saem pu-

hem esmentat, hi tinc una relació tendra. I sobretot amb *Memòries de l'Àfrica*, que és la que m'ha agradat més traduir i de la qual estic més content que hagi sortit.

I pel que fa a les diverses llengües amb què treballes, hi ha diferències també per a tu personalment entre traduir de l'anglès, del portuguès o del francès?

Del francès només he traduït un parell d'obres i és del que menys puc parlar. El tinc a prop perquè el vaig estudiar com a llengua estrangera al batxillerat i he viatjat per bastants països francòfons. Tinc familiaritat amb un francès actiu oral, però no tant pel que fa a lectures. Tot i així em veig amb cor de traduir-lo. Però si es tracta d'opinar professionalment, sobretot parlaria de l'anglès i el portuguès, i realment hi ha molta diferència, perquè el portuguès és una llengua romànica, igual que el català, i té molts trets de sintaxi o de lèxic que, encara que no siguin molt calcats al català, sí que ho són al castellà, que el tenim tan pròxim, i llavors hi ha més perill de pensar-te que trobes la solució immediata i caure en el calc, és a dir de traduir massa arrapat al text original. En canvi, amb l'anglès, com que moltes vegades has de capgirar l'ordre sintàctic o no en pots reproduir literalment els modismes, d'entrada ja tendeixes més a allunyar-te i mirar amb més perspectiva el conjunt de la frase o del paràgraf, i aleshores veus quina ha de ser la solució versemblant idiomàticament en

blicadas são como filhos prediletos. Com as três obras mencionadas, tenho uma relação terna. E sobretudo com *Memòries de l'Àfrica*, que é a que mais me agradou traduzir e da qual estou mais contente que tenha saído.

E quanto às diversas línguas com as que você trabalha, há diferenças também para você pessoalmente entre traduzir do inglês, do português ou do francês?

Do francês apenas traduzi um par de obras e é do que menos posso falar. Tenho-o próximo porque o estudei como língua estrangeira no ensino médio e viajei por muitos países francófonos. Tenho familiaridade com o francês ativo oral, mas não tanto quanto a leitura. Contudo me vejo com fôlego para traduzir. Mas se é para opinar profissionalmente, falaria sobretudo do inglês e do português, e realmente há grandes diferenças, porque o português é uma língua românica, como o catalão, e tem muitos traços de sintaxe ou de léxico que, embora não sejam muito semelhantes aos do catalão, o são em castelhano, que o temos tão perto, e há então um maior perigo de pensar que se tem a solução imediata e cair no calco, ou seja traduzir demasiado colado ao texto original. Já em inglês, como muitas vezes temos que mudar a ordem sintática ou não podemos reproduzir literalmente os modismos, de partida já tendemos a nos afastar mais e a olhar com maior perspectiva o conjunto da frase ou do parágrafo, e então percebemos a solução verossimilhante idi-

català. En canvi en portuguès hi ha més la possibilitat de caure en trampes. Essencialment és això.

Quina és la teva experiència personal amb les editorials: fins a quin punt respecten el teu treball com a traductor?

Últimament, a les editorials em tenen ben considerat i em respecten els criteris. Però de fet sóc bastant ortodox.

Però, en canvi, jo sé que tens algunes idees molt particulars sobre la llengua.

A veure, jo penso que el català està molt malament, i així com hi ha una sèrie de processos en l'evolució natural del català, al marge d'interferències —bàsicament del castellà—, als quals la majoria de parlants tendeix, que han estat adaptats per les institucions pertinents, també n'hi ha molts d'altres que no ho han estat i estaria bé que ho fossin, perquè el català ja va prou coix i ja és prou complicada la gramàtica per no introduir-hi certes coses. Un punt en el qual ja m'havia posat fort en una època que vaig treballar de lingüista a Catalunya Ràdio és la qüestió de la dobla essa en moltes paraules de formació llatina culta, que són les acabades amb “-missió” i “-pressió”, que jo sóc partidari que sonin com a essa sonora i que s'escriguin amb una sola essa. El respecte a l'etimologia arriba fins a un cert punt, però mantenir a ultrança l'essa sorda ha portat —sobretot des que s'ha “normalitzat” el català i han aparegut mitjans de comunicació

omàticament em catalão. Entretanto em português há mais possibilidades de cair em armadilhas. Essencialmente é isso.

Qual é a sua experiência pessoal com as editoras: até que ponto respeitam o seu trabalho como tradutor?

Ultimamente as editoras me têm em boa consideração e respeitam os meus critérios. Porém, de fato, sou bastante ortodoxo.

Entretanto eu sei que você tem algumas ideias bem particulares sobre a língua.

Pois então, eu acho que o catalão está muito mal, e assim como há uma série de processos na evolução natural do catalão, à margem de interferências —basicamente do castelhano—, aos quais a maior parte dos falantes tende e os quais foram adaptados pelas instituições pertinentes, também há muitos outros que não foram e seria bom que fossem, porque o catalão já vai bastante manco e já é bem complicada a gramática por não introduzir certas coisas. Um ponto que já havia defendido em uma época em que trabalhei como linguista na Catalunya Ràdio é a questão do ‘s’ duplo em muitas palavras de formação latina culta, as acabadas com “-missió” e “-pressió”, que eu sou partidário que soem como o ‘s’ sonoro e que se escrevam com apenas um ‘s’. O respeito à etimologia chega até certo ponto, mas manter a todo custo o ‘s’ surdo levou —sobretudo desde a “normalização” do catalão e da aparição da mídia

orals en català, és a dir, des del naixement de TV3, Catalunya Ràdio, etcètera— a implantar des de les ones una manera de pronunciar segons com s’escriu i s’ha traït totalment aquest procés propi del català, que era sonoritzar-les. Això vaig intentar canviar-ho en un llibre, *Timbuktú*, de Paul Auster, però l’editor em va dir que no podia ser i em va fer tirar enrere. Una altra cosa que em mata és el *per a*, que ja podria desaparèixer, tot i que aquí sí que respecto la norma. Només cal sentir els mitjans de comunicació i veure com parlen...

Però el *per a* és viu en algunes zones del territori de parla catalana...

Sí, és cert, però a mi m’agrada molt el sistema anglès, per contra del francès, perquè hi ha molta màniga ampla: una paraula es pot escriure amb guionet, sense guionet, etcètera. Jo penso que hauria de ser així: que es pogués optar, que un escriptor pogués optar... En el cas dels mitjans de comunicació, és clar, potser en un diari com l’*Avui*, que és de difusió a tots els Països Catalans, haurem de mantenir la *a* de *per a*; si és un diari local, com *El 9 Nou*, és perfectament lícit que la redacció, amb un criteri una mica coherent, decideixi suprimir la *a*, perquè no existeix en català central. No ho sé, hi podria haver molts grisos i solucions intermèdies; no s’hauria de ser tan radical: com que som els Països Catalans ha de ser tot igual. Tu agafes un text en valencià i et surt *seua* i et surten conjugacions diferents, i no passa res. Si un lector de València no veu la *a* de *per a*, potser li sem-

oral em catalão, ou seja, desde o nascimento da TV3, Catalunya Rádio, etc.— a implantar a partir das transmissões um jeito de pronunciar como se escreve e se traiu totalmente esse processo próprio do catalão, que era sonorizá-los. Tentei mudar isso num livro, *Timbuktú*, de Paul Auster, porém o editor me disse que não podia e me fez retirá-los. Outra coisa que me mata é *per a* (= para), que já podia desaparecer, embora aqui eu respeite a norma. Só precisa ouvir a mídia e ver como falam...

Mas *per a* está vivo em algumas regiões do território de fala catalã...

Sim, certo, porém eu gosto mais do sistema inglês, em contra-posição do francês, pois há muita tolerância: dá para escrever uma palavra com hífen, sem hífen, etc. Eu acho que tinha que ser assim: que se pudesse optar, que um escritor pudesse optar... No caso da mídia, é claro, talvez num jornal como o *Avui*, de difusão em todos os Países Catalães, deveríamos manter o *a* de *per a*; já num jornal local, como *El 9 Nou*, é perfeitamente aceitável que a redação, com um critério minimamente coerente, decida suprimir o *a*, pois não existe no catalão central. Sei lá, poderiam haver muitas variações e soluções intermediárias; não dá para ser tão radical: como somos os Países Catalães tudo tem que ser igual. Você pega um texto em valenciano e aparece *seua* (por *seva*, sua) e aparecem conjugações diferentes, e não acontece nada. Se um leitor de

blarà estrany al començament, però ho entendrà igual. Són casos comptats, aquells en què hi hauria ambigüitat de sentit. A banda d'això, i tornant a allò que deïem del respecte dels editors pels meus criteris, sí que m'han deixat passar bastantes coses d'aquestes, com *manguera* o *acera* o aquest *bastantes* que acabo de dir que poden semblar fins i tot una mica innecessàries, perquè, per exemple, *vorera* ja està molt introduït. Però a mi em sembla bé que es deixin passar, que es pugui optar, que no hi hagi una dictadura des de dalt, o almenys que no sigui tan dura, que no tingui tanta força. Però encara hi ha els crítics clàssics que en una ressenya d'una traducció fan un llistat de les paraules que ells consideren incorrectes que hi han trobat. Això a mi m'ha passat.

Quan et preguntava sobre el respecte de les editorials a les teves decisions, ho deïa no tan sols pel tema lingüístic, sinó també per coses relacionades més directament amb la traducció, com, per exemple, el títol. Ho dic perquè sé, posem per cas, que *Memòries de l'Àfrica* s'havia de titular *Fora de l'Àfrica*, d'acord amb el títol original, *Out of Africa*, i que l'editor el va canviar.

La qüestió del títol sí que és una de les coses en què pots no poder-hi intervenir, perquè pot influir en les vendes, el màrqueting i tot això. El cas aquest de *Memòries de*

Valência não vê o *a* de *per a*, de repente achará estranho no começo, mas entenderá igual. São casos excepcionais aqueles em que haveria ambigüidade de sentido. Além disso, e voltando ao que falávamos do respeito dos editores pelos meus critérios, me deixaram incluir muitas coisas dessas, como *manguera* (castelhanismo pelo catalão *mãnega*, mangueira) ou *acera* (castelhanismo pelo catalão *vorera*, calçada) ou *bastantes* (catalão mais genuíno *prou*) e coisas que podem parecer até um pouco desnecessárias, porque, por exemplo, *vorera* já está bem introduzida. Mas eu acho bom que deixem passar, que se possa optar, que não haja uma ditadura de cima, ou pelo menos que não seja tão dura, que não tenha tanta força. Mas ainda há os críticos clássicos que numa resenha de uma tradução fazem uma listagem das palavras que eles encontraram e consideram incorretas. Isso já aconteceu comigo.

Quando perguntava sobre o respeito das editoras nas suas decisões, falava não só pelo tema lingüístico, mas também por coisas relacionadas mais diretamente com a tradução, como, por exemplo, o título. Digo isso porque sei, por exemplo, que *Memòries de l'Àfrica* devia levar como título *Fora de l'Àfrica*, de acordo com o título original, *Out of Africa*, mas o editor mudou.

A questão do título é uma das coisas em que não é possível intervir, porque pode influenciar nas vendas, no marketing e em todo o resto. O caso de *Memòries de*

l'Àfrica va ser bastant clar: havia de sortir amb el mateix títol amb què s'havia traduït la pel·lícula al castellà, perquè s'hi havia d'identificar. I tornant al que deia dels crítics, que de vegades sembla que no sàpiguen sobre què escriure, n'hi va haver un que va fer tot un article discutint sobre el títol original i els de les versions castellana i catalana d'una novel·la que es diu *Larry's Party*, de Carol Shields. *Party* té un sentit una mica més ampli que “festa”, perquè pot ser una festa tal com l'entendem aquí o també un sopar, i realment l'últim capítol, que es diu “Larry's Party”, és un sopar. Per això jo vaig decidir titular la novel·la *El sopar d'en Larry*, mentre que en castellà la van traduir *El mundo de Larry*. En aquest cas se'm va respectar la proposta, perquè la vaig argumentar davant d'una editora sensible, i en la versió castellana devien decidir també que “fiesta” no anava, però van optar per una altra cosa. Un altre llibre que vaig traduir i ara n'ha sortit una pel·lícula és *All the Pretty Horses*, de Cormac McCarthy, que en castellà em sembla que el van traduir *Todos los bonitos caballos*, que ho trobo una cosa estranyíssima en castellà. Jo vaig triar un títol més poètic, encara que no era tan literal: *Tots aquells cavalls*, on “aquells” dóna un sentiment de distància que pots interpretar de manera melangiosa, com una cosa que ha passat, que s'ha perdut, etcètera. I també m'ho van respectar. Ara, últimament funciona tot de manera tan mercantil que de vegades ni el mateix editor no ha llegit el llibre i no hi ha ningú que tingui un criteri sobre com ha de ser el to de la traducció ni res, i a més van a tota pastilla. Aleshores tot

l'Àfrica foi bastante claro: tinha que sair com o mesmo título com que se havia traduzido o filme para o castelhano, para que se pudesse identificar. E voltando ao que dizia dos críticos, às vezes parece que não sabem sobre o que escrever, houve um que fez todo um artigo discutindo a respeito do título original e o das versões castelhana e catalã de um romance chamado *Larry's Party*, de Carol Shields. *Party* tem um sentido um pouco mais amplo do que “festa”, porque pode ser uma festa tal como entendemos aqui ou também um jantar, e realmente o último capítulo, chamado “Larry's Party”, é um jantar. Por isso eu decidi dar o título *El sopar d'en Larry* para o romance, enquanto em castelhano traduziram por *El mundo de Larry*. Nesse caso respeitaram a minha proposta, porque argumentei diante de uma editora sensível, e na versão castelhana devem ter decidido também que “fiesta” não ficava bem, porém optaram por outra coisa. Outro livro que traduzi e agora saiu o filme é *All the Pretty Horses*, de Cormac McCarthy, que em castelhano acho que traduziram como *Todos los bonitos caballos*, o que acho que fica uma coisa muito esquisita em castelhano. Eu escolhi um título mais poético, ainda que não fosse tão literal: *Tots aquells cavalls*, onde “aquells” dá um sentimento de distância que pode se interpretar de maneira saudosa, como uma coisa que aconteceu, que se perdeu, etc. E também respeitaram essa minha escolha. Ora, ultimamente tudo funciona de um jeito tão mercantil que às vezes nem o próprio editor leu o livro e não há ninguém que

depèn que el corrector no faci una escabexina, que no sigui un corrector a l'antiga i decideixi que certes coses no passen. Però com que tinc dret a repassar les proves ja corregides, puc tornar a intervenir-hi. Llavors alguna vegada he tingut problemes amb els correctors.

Tu vius de la traducció, que ja és una cosa prou difícil, però, a més a més, de la traducció literària exclusivament, que encara ho és més, i per acabar-ho de rematar tradueixes única-ment al català. D'entrada sembla que això hagi de ser impossible. Com t'ho fas per aconseguir-ho?

Doncs fent moltes hores. Des de fa uns quants anys es tradueix molt més al català, i jo diria que n'hi ha uns quants com jo. Ara, el que sí que puc dir és que traduir amb aquesta intensitat crema, i a la llarga et pot fer perdre qualitat en el resultat. Jo em penso que no m'hi he trobat encara. En aquest sentit penso que va bé alternar dues llengües, perquè no et satures. També va bé alternar autors, i així canvies d'estil. És com si un actor fa sempre el mateix paper, que acaba sent ell més que el personatge, com en John Wayne, per exemple. Doncs al traductor li pot passar que acabi traduint sempre igual. I qui diu canviar d'autors, canviar d'èpoques. Com que ara fa temps que tradueixo, també puc triar una mica, i el que també va bé és alternar traduccions complicades, però que les fas perquè

tenha un criteri sobre com tem que ser o tom da tradução nem nada disso, e ainda por cima vão a todo vapor. Tudo depende então de que o revisor não faça uma chacina, que não seja um revisor à moda antiga e decida que certas coisas não cabem. Mas como tenho direito a repassar as versões já corrigidas, posso intervir de novo. Então alguma vez já tive problemas com os revisores.

Você vive da tradução, que já é uma coisa bem difícil, e ainda por cima, da tradução literária exclusivamente, o que é ainda mais difícil, e para acabar traduz unicamente para o catalão. De início, isso parece impossível. Como você consegue?

Trabalho muitas horas. Há alguns anos que se traduz muito mais para o catalão, e eu diria que há outros assim como eu. Ora, o que posso dizer é que traduzir com essa intensidade desgasta, e a longo prazo pode decair a qualidade no seu resultado. Eu acho que ainda não cheguei até lá. Nesse sentido penso que é bom alternar duas línguas, para não se saturar. Também é bom alternar autores, e assim a pessoa muda de estilo. É como se um ator fizesse sempre o mesmo papel, e acabasse sendo mais ele próprio do que a personagem, como John Wayne, por exemplo. Então, com o tradutor pode acontecer que acabe por traduzir sempre igual. E quem diz mudar de autores, diz mudar de épocas. Como já faz tempo que traduzo, também posso escolher um pouco, e o que

t'agraden, amb altres de més senzilles. Una altra traducció que també vaig proposar jo i que ha de sortir aviat és el *Relat personal d'un pelegrinatge a Medina i la Meca*, d'en Burton. Amb aquest llibre hi he passat gairebé un any, entre la primera traducció, que vaig fer també amb una ajuda de la Institució de les Lletres Catalanes, i la versió definitiva, que apareixerà aviat a Quaderns Crema. És un text escrit a mitjà segle passat, amb un estil diguem-ne victorià, i això requereix en primer lloc trobar el to. També introdueix molts termes àrabs, perses, hindús... Com que sé una mica d'àrab, tenia el diccionari àrab-castellà de Julio Cortés al costat. I finalment, per al contingut, vaig recórrer molt a l'enciclopèdia Espasa, perquè recull tota la cultura universal fins als anys 20 i et permet recuperar la informació que es tenia en aquella època, abans del gran progrés tecnològic. En qüestions d'armament, de descripció de poblacions, etcètera, et permet acostar-te molt més a la realitat del moment en què escrivia Burton. A més a més l'Espasa dóna molta informació que no trobes a l'Enciclopèdia Britànica, i no diguem ja a la Catalana. Puntualment també vaig consultar una enciclopèdia de l'Islam.

Sempre et documentes tant, per a les teves traduccions?

Això està en funció del temps que tinc. Penso que t'has de documentar molt més en el cas d'obres

também é bom é alternar traduções complicadas, mas que você as faz porque gosta, com outras mais simples. Outra tradução que eu também propus e que deve sair em breve é o *Relat personal d'un pelegrinatge a Medina i la Meca*, do Burton. Com esse livro passei quase um ano, entre a primeira tradução, que fiz também com uma ajuda da Institució de les Lletres Catalanes, e a versão definitiva, que aparecerá em breve na coleção Quaderns Crema. É um texto escrito na metade do século XIX, com um estilo digamos vitoriano, e isso requer em primeiro lugar encontrar o tom. Também introduz muitos termos árabes, persas, indianos... Como sei um pouco de árabe, tinha o dicionário árabe-castelhano de Julio Cortés ao lado. E finalmente, referente ao conteúdo, recorri muito à enciclopèdia Espasa, porque agrega toda a cultura universal até os anos de 1920 e permite recuperar a informação que havia naquela época, antes do grande progresso tecnológico. Em questões de armamento, de descrição de populações, etc, e permite que se aproxime muito mais da realidade do momento em que Burton escreveu. Aliás, a Espasa fornece muita informação que não se encontra na Enciclopèdia Britànica, e por não dizer na enciclopèdia Catalã. Pontualmente também consultei uma enciclopèdia do Islã.

Sempre se documenta tanto para as suas traduções?

Isso vai em função do tempo que tenho. Acho que é preciso se documentar muito no caso de obras

antigues, sobretot per trobar un to versemblant i acostar-te a l'esperit de l'original. Quan és una obra d'un autor contemporani, el problema podria ser si està escrita amb un registre dialectal, o si hi ha molt argot, però per poc que sigui un estàndard de la llengua original, l'únic que has de fer és passar-lo al teu estàndard. En el cas de les obres més antigues, intento aproximar-me, ni que sigui amb pinzellades, a l'estàndard de l'època. Fent-ho així hi ha menys perill de males interpretacions, en el cas que una determinada paraula hagués tingut una accepció diferent al segle passat i tu puguis caure a la trampa i en donis l'accepció actual. En el cas d'Eça de Queirós, per exemple, vaig recórrer a Narcís Oller, que és un autor contemporani i amb unes característiques semblants, per trobar el to adequat, més que en l'estil, en determinades marques lèxiques, perquè es respirés l'ambient de l'època. Ara, tot depèn dels terminis i del temps de què disposes. Per exemple, a *La caverna*, de Saramago, hi ha tota una sèrie de termes relacionats amb la terrisseria, perquè el protagonista és un terrissaire. En aquest cas no vaig arribar a mirar llibres especialitzats en terrisseria escrits en català, perquè ho vaig solucionar molt amb l'Enciclopèdia Catalana. I, a més, hi havia molta pressa perquè s'havia de publicar al mateix temps que la versió castellana.

I Internet?

L'he fet servir només alguna vegada, puntualment. Per exemple,

antigas, sobretudo para encontrar um tom verossimilhante e aproximar-se do espírito do original. Quando é a obra de um autor contemporâneo, o problema poderia ser se está escrita com um registro dialectal, ou se há muitas gírias, mas ainda que seja minimamente um padrão da língua original, o único que se tem a fazer é passar para o seu padrão linguístico. No caso de obras mais antigas, tento me aproximar, nem que seja com pinceladas, do padrão da época. Fazendo assim há menos perigo de interpretações equivocadas, no caso em que uma determinada palavra tivesse uma aceção diferente no século passado e pudéssemos cair na armadilha e dar a aceção atual. No caso de Eça de Queirós, por exemplo, recorri a Narcís Oller, um autor contemporâneo e com umas características parecidas, para achar o tom adequado, mais do que o estilo, em determinadas marcas léxicas, para que se respirasse o ambiente da época. Ora, tudo depende dos prazos e do tempo de que se dispõe. Por exemplo, em *A caverna*, de Saramago, há toda uma série de termos relacionados com a olaria, pois o protagonista é oleiro. Nesse caso não cheguei a procurar livros especializados em olaria escritos em catalão, porque resolvi muitas coisas com a Enciclopédia Catalã. E, ainda por cima, havia muita pressa porque tinha que ser publicado ao mesmo tempo que a versão castelhana.

E a Internet?

Só usei alguma vez, pontualmente. Por exemplo, numa antolo-

en un recull de contes titulat *Ocells d'Amèrica*, de Lorrie Moore, sortien moltes referències de la cultura americana actual, des de productes comercials fins a programes de televisió o personatges mediàtics, i per Internet vaig trobar moltes d'aquestes coses. També hi està passant ara amb *The Human Stein* de Philip Roth, on estic trobant el recurs a Internet imprescindible.

Un cas curiós en el teu currículum professional és la traducció de *Franny i Zooey*, de J. D. Salinger, un llibre que ja havia estat traduït anteriorment al català per Jordi Sarsanedas.

La traducció de Sarsanedas pecava de massa literal. Semblava com si a cada paraula anglesa n'hagués de correspondre una de catalana i no hi pogués haver la solució del conjunt buit. Aleshores tots els *damned* eren “refumut” o “maleït”. La vaig tenir al costat, i si en algun lloc m'entrebancava, la mirava, però en vaig fer una versió totalment nova, no una revisió.

A banda de llegir un autor determinat per ambientar-te amb vista a una traducció concreta, com és el cas que has explicat d'Eça de Queirós i Narcís Oller, tens alguna lectura que et serveixi en general de model per a enriquir o envigorir el teu català?

M'agraden molt les descripcions de paisatges de Pla, i fins i tot alguns diàlegs seus de gran vivacitat. Dels autors més actuals, en lle-

gia de contes intitolada *Ocells d'Amèrica*, de Lorrie Moore, apareciam moltes referències da cultura americana atual, desde produtos comerciais até programas da televisão ou personagens midiáticos, e na Internet encontrei muitas dessas coisas. Também está acontecendo o mesmo agora com *The Human Stein* de Philip Roth, e estou achando o recurso da Internet imprescindível.

Um caso curioso no seu currículo profissional é a tradução de *Franny i Zooey*, de J. D. Salinger, livro que já havia sido traduzido anteriormente para o catalão por Jordi Sarsanedas.

A tradução de Sarsanedas pecava por ser literal demais. Parecia que a cada palavra inglesa tivesse que corresponder uma catalã e não coubesse a solução do conjunto vazio. Aí todos os *damned* eram “refumut” ou “maleït”. Tinha a tradução comigo, e se em algum ponto empacava, eu a olhava, mas fiz uma versão totalmente nova, não uma revisão.

Além de ler um autor determinado para se ambientar visando a uma tradução concreta, como é o caso que você explicou de Eça de Queirós e Narcís Oller, tem alguma leitura que você use em geral como modelo para enriquecer ou dar vigor ao seu catalão?

Gosto muito das descrições de paisagens de Pla, e até de alguns diálogos seus de grande vivacidade. Dos autores mais atuais, leio pou-

geixo pocs, i quan ho faig em solen caure de les mans. Una excepció seria Jesús Moncada, que domina molt la llengua, encara que no el considere un model. Per a mi un gran model és el *Diccionari etimològic* de Joan Coromines, que fins a cert punt és també un text literari, perquè s'esplaia molt en les entrades. Però a banda d'això, et parla de la vida de les paraules, i gràcies a aquesta informació tan exhaustiva saps quan una paraula determinada va desaparèixer en l'ús corrent, o que es fa servir en una zona o en un context determinats, o que té un cert to elevat... T'explica tantes coses que et permet tenir la seguretat que, quan fas servir un terme concret, actues correctament i no incorres en un anacronisme o forces el to, etcètera. És una eina utilíssima. Després també pots trobar un model de llengua en altres traductors. Últimament, miro de llegir obres traduïdes per Joan Sellent, perquè trobo que ho fa molt bé.

cos, e quando o faço normalmente me caem das mãos. Uma exceção seria o Jesús Moncada, que domina muito a língua, ainda que não o considere um modelo. Para mim um grande modelo é o *Diccionari etimològic* de Joan Coromines, que até certo ponto também é um texto literário, porque se recria muito nas entradas. Além disso, fala-nos da vida das palavras, e graças a essa informação tão exhaustiva pode-se saber quando uma palavra determinada desapareceu no uso corrente, ou que se usa em uma região ou em um contexto determinados, ou que tem certo tom elevado... Explicamos tantas coisas que nos permite ter a segurança de que, quando usamos um termo concreto, estamos agindo corretamente e não incorremos num anacronismo ou forçamos o tom, etc. É uma ferramenta de muita utilidade. Depois também podemos achar um modelo de língua em outros tradutores. Ultimamente, busco ler obras traduzidas por Joan Sellent, porque acho que o faz muito bem.

*Tradução de Francisco Calvo del Olmo
franciscoctl@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina*

*Ramon Farrés
ramon.farres@uab.cat
Universitat Autònoma de Barcelona*

Fonte: Ramon Farrés. "La versemblança per sobre de tot. Una conversa amb Xavier Pàmies", em Quaderns. Revista de traducció 7, 2002, 185-192.

Bibliografia (traduzida por Pàmies até o ano 2001)

- João Guimarães Rosa. *Gran Sertão: riberes*. Barcelona: Edicions 62, 1990.
- Annie Ernaux. *Pura passió*. Barcelona: Llibres de l'Índex, 1992.
- Joaquim Maria Machado de Assís. *L'alienista*. Barcelona: Quaderns Crema, 1996.
- Camara Laye. *El nen negre*. Lleida: Pagès Editors, 1997.
- Kazuo Ishiguro. *Els inconsolables*. Barcelona: Edicions 62, 1997.
- R. K. Narayan. *El llicenciat en lletres*. Lleida: Pagès Editors, 1998.
- J. M. Machado de Assís. *El senyor Casmurro*. Barcelona: Quaderns Crema, 1998.
- Ian Gibson. *La vergonyosa vida de Salvador Dalí*. Barcelona: Empúries, 1998.
- António Lobo Antunes. *El manual dels inquisidors*. Barcelona: Edicions 62, 1998.
- José Saramago. *Tots els noms*. Barcelona: Edicions 62, 1999.
- Carol Shields. *El sopar d'en Larry*. Barcelona: Edicions 62, 1999.
- J.D. Salinger. *Franny i Zooey*. Barcelona: Edicions 62, 1999.
- Paul Auster. *Timbuktú*. Barcelona: Edicions 62, 1999.
- Cormac McCarthy. *Tots aquells cavalls*. Barcelona: Edicions 62, 1999.
- Karen Blixen. *Memòries de l'Àfrica*. Lleida: Pagès Editors, 1999.
- Lorrie Moore. *Ocells d'Amèrica*. Barcelona: Edicions 62, 2000.
- Eça de Queirós. *El cosí Basílio*. Barcelona: Quaderns Crema, 2000.
- José Saramago. *L'evangeli segons Jesucrist*. Barcelona: Edicions 62, 2000.
- Eça de Queirós. *El crim de mossèn Amaro*. Barcelona: Quaderns Crema, 2001.
- José Saramago. *La caverna*. Barcelona: Edicions 62, 2001.
- Edith Wharton. *Ethan Frome*. Lleida: Pagès Editors, 2001.